

# A CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE BRASILEIRA NAS IMAGENS E DISCURSOS DO JORNAL *EL CENTINELA* (1867)

## THE MAKING OF BRAZILIAN ALTERITY IN THE IMAGES AND SPEECHES OF *EL CENTINELA* NEWSPAPER (1867)

Gabriel Ignacio Garcia<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo pretendemos analisar o jornal paraguaio *El Centinela* (1867), produzido durante a guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870). Em seu conteúdo, os paraguaios representaram a guerra como um enfrentamento entre liberdade e escravidão, civilização e barbárie, república e monarquia. Visamos assim, refletir o papel desempenhado pela imprensa, problematizando os conceitos e símbolos que foram empregados para exaltar a identidade paraguaia e rebaixar a imagem do Império brasileiro.

**Palavras-chave:** Representações, Guerra do Tríplice Aliança contra o Paraguai, Imprensa Ilustrada.

**Abstract:** In this article we intend to analyze the Paraguayan newspaper *El Centinela* (1867), produced during the war of the Triple Alliance against Paraguay (1864-1870). In their content, the Paraguayans represented war as a confrontation between freedom and slavery, civilization and barbarism, republic and monarchy. We aim to reflect about the role played by the press, problematizing the concepts and symbols that were used to exalt the Paraguayan identity and demote the image of Brazilian Empire.

**Keywords:** Representations, War of the Triple Alliance against Paraguay, Illustrated Press.

### Introdução

A guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai<sup>2</sup> ocupa um papel de destaque na história sul-americana, dado o alcance, a duração e as consequências que teve para a formação das nações envolvidas. A disputa extrapolou a esfera militar e política, mexendo também com os imaginários e a relação de alteridade entre brasileiros e paraguaios. Nas páginas dos jornais, delineou-se um processo de marcação das diferenças, reforçando as identidades nacionais e, paralelamente, traçando as fronteiras identitárias entre os países envolvidos.

---

<sup>1</sup> Graduado e mestre em História pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: gabriel-igarcia@hotmail.com.

<sup>2</sup> Variadas são as formas de nomear a contenda que envolveu Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, entre 1864 e 1870: Guerra da Tríplice Aliança, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Guerra Guasú, Grande Guerra, Guerra do Paraguai etc. Cada um desses títulos carrega consigo uma série de marcas políticas e ideológicas. Embora não esteja livre de questionamentos, acreditamos que a terminologia escolhida nesse artigo consegue abranger de forma bem satisfatória o que foi o conflito.

Nas últimas décadas, uma série de estudiosos, brasileiros e paraguaios, se debruçou sobre os registros históricos da guerra.<sup>3</sup> Em sintonia com esse movimento surgiram diversas investigações sobre o papel da imprensa de trincheira.<sup>4</sup> Os avanços técnicos, o uso das imagens, a circulação de ideias e notícias, o papel da mulher, foram algumas das temáticas exploradas. Na historiografia brasileira destacaram-se as obras de André Toral, Mauro César Silveira<sup>5</sup> e Fernando Lóris Ortolan<sup>6</sup>. Acerca da imprensa paraguaia merece nota as pesquisas de Maria Lucrécia Johansson, Maria Victoria Baratta, Hérib Caballero Campos e Cayetano Ferreira Segovia.

Hérib Caballero Campos e Cayetano Ferreira Segovia atentaram para engajamento dos periódicos na exaltação da bravura paraguaia e na ridicularização das forças inimigas. Os autores também frisaram o espaço que o guarani ganhou na imprensa paraguaia. Em um jornal como o *Cabichuí*, o guarani serviu para a afirmação constante de valores identitários, “um símbolo de fortaleza e coesão frente ao estrangeiro, suspeito e desconhecido”<sup>7</sup>. Já a pesquisadora Maria Lucrécia Johansson assinalou a transformação qualitativa e quantitativa da atividade periodística. Sob estreito controle governamental, os periódicos serviram-se de um “jogo de contrastes”, ou seja, ao mesmo tempo em que cunhavam uma imagem negativa dos inimigos (classificando-os como bárbaros, escravos e covardes), os semanários paraguaios formavam uma auto-representação positiva de si mesmos, apresentando-se com as características opostas (civilizados, libertos e valentes). Além disso, Johansson comparou as publicações paraguaias e destacou o alinhamento com que estas versaram sobre as causas, características e consequências da guerra<sup>8</sup>.

---

<sup>3</sup> Além de trabalhos individuais, recentemente foram lançadas coletâneas em comemoração aos 150 anos do conflito. Ver: SGUINELO, Ana Paula (Org.). **150 anos após – a Guerra do Paraguai**: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai: vol. 1 e 2. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2016. - RODRIGUES, Fernando da Silva; PREDROSA, Fernando Veloso Gomes (Orgs.). **Uma tragédia americana**: a guerra do Paraguai sob novos olhares. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

<sup>4</sup> Utiliza-se o termo “imprensa de trincheira” para pensar a imprensa que se desenvolveu em função da guerra. Assim como, a expressão “imprensa ilustrada” caracteriza os jornais surgidos na segunda metade do século XIX, e que se especializaram em oferecer imagens ao público. O *El Centinela* se enquadra nessas duas categorias.

<sup>5</sup> Os dois autores mapearam e analisaram a iconografia produzida no conflito. André Toral serviu-se de pinturas, charges e fotografias. Por sua vez, Mauro C. Silveira aprofundou-se em mais de 202 charges publicadas no Rio de Janeiro, entre 1864 e 1870. Ver: TORAL, André Amaral de. **Imagens em desordem**: a iconografia na guerra do Paraguai. São Paulo: Humanitas / FFLHC / USP, 2001. - SILVEIRA, Mauro César. **A batalha de papel**: a charge como arma de guerra contra o Paraguai. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2009.

<sup>6</sup> Fernando Lóris Ortolan discorreu sobre as imagens femininas nos jornais paraguaios. Representadas como “guerreiras espartanas”, as mulheres paraguaias foram mostradas como exemplos de coragem e abnegação em favor da pátria. Imagens que idealizavam o papel feminino em meio à guerra. Ver: ORTOLAN, Fernando Lóris. **Imagens do feminino na Guerra do Paraguai**. MÉTIS: história & cultura – v. 5, n. 9, jan./jun. 2006. p. 83-95

<sup>7</sup> CABALLERO CAMPOS, Hérib; FERREIRA SEGOVIA, Cayetano. **El periodismo de guerra en Paraguay**: 1864-1870. Assunção: Revista Estudios Paraguayos, vols. 26/27, n. 1 e 2, 2008 e 2009.

<sup>8</sup> JOHANSSON, María Lucrecia. **Paraguay contra el monstruo antirrepublicano**. El discurso periodístico paraguayo durante la Guerra de la Triple Alianza (1864-1870). Bogotá: Hist. Crit. No. 47, 2012. p. 71-92.

Estudando o periódico *El Centinela*, Victoria Baratta observou o processo modernizador pelo qual passou a imprensa paraguaia durante a guerra. Convivendo com a necessidade de informar sobre os últimos acontecimentos do *front* de batalha, os jornais assumiram a função de mobilizar e representar a nação. Com habilidade, os editores encontraram formas de contornar as derrotas e traições, exaltando o heroísmo do povo paraguaio e de seu Mariscal. Apesar dos silenciamento e humilhações impostos pela derrota, às representações do *El Centinela* calaram fundo em uma parte mais ampla da população<sup>9</sup>.

Amparado nessa bibliografia, o presente artigo<sup>10</sup> procura entender como se deu a fabricação da alteridade nos discursos imagéticos e textuais do jornal paraguaio *El Centinela* (1867). Instrumento de mobilização e propaganda paraguaia, o periódico procurou associar ao Império brasileiro e sua população, uma imagem de atraso político e inferioridade racial. Essa imagem depreciativa servia para colocar em relevo os valores da identidade paraguaia. No desenvolvimento do texto primaremos por estabelecer alguns paralelos, entre as falas paraguaias e o contexto histórico mais amplo da América Latina, na segunda metade do século XIX. Com isso, esperamos também pensar nas possíveis apropriações que os editores fizeram das ideias e conceitos que estavam em voga naquele ambiente cultural.

### O “barbarismo brasileiro” nas páginas do *El Centinela* (1867)

A guerra alterou profundamente os rumos da nação e da imprensa paraguaia. Em 1864, somente o *Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles* estava em circulação. Contudo, a imprensa paraguaia mostrou-se surpreendentemente frutífera no decorrer da década, registrando o aparecimento de quatro periódicos; *El Centinela* (1867), *Cabichuí* (1867-1868), *Cacique Lambaré* (1867-1868) e *Estrella* (1869). De acordo com as reminiscências do coronel Juan Crisóstomo Centurión (1947), citadas no trabalho de Campos e Segovia, as publicações, incentivadas por Solano López, permaneceram debaixo de constante vigilância ao longo dos anos de conflito. Ao aprovar a criação desses jornais, o presidente “seguia a tradição instalada por seu pai de fazer funcionar um órgão

---

<sup>9</sup> BARATTA, Maria Victoria. “Periódico serio-jocoso”: un análisis de las representaciones en el Semanario El Centinela. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). **150 anos após – a Guerra do Paraguai**: entreolhares do Brasil, Paraguai, argentina e Uruguai: vol. 1 e 2. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2016. - RODRIGUES, Fernando da Silva; PREDROSA, Fernando Veloso Gomes (Orgs.). **Uma tragédia americana**: a guerra do Paraguai sob novos olhares. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p. 326.

<sup>10</sup> Esse trabalho é um recorte da dissertação do autor defendida pelo programa de pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, em abril de 2018.

propagandístico e informativo a serviço dos interesses da República, estabelecendo na opinião pública nacional, um sentido heroico e justo na causa defendida”<sup>11</sup>.

Apesar dos avanços desde o início da guerra, em setembro de 1866 as tropas aliadas sofreram um grave revés: a batalha de Curupaití. Esse triunfo paraguaio “foi visto como prenúncio de paz e fortaleceu Solano López perante a tropa”<sup>12</sup>. Além de forçar a troca no comando do exército brasileiro, esse evento colocou em evidência os desentendimentos entre os aliados, ameaçando a permanência da Argentina no tratado da Tríplice Aliança.<sup>13</sup> Diante desses problemas, os exércitos paralisaram as ações militares de grande envergadura resultando em uma conjuntura favorável a imprensa ilustrada no Paraguai.

Nesse cenário, no dia 25 de abril de 1867, o semanário sério jocoso, como se denominada, passou a circular semanalmente às quintas-feiras, com quatro páginas por edição.<sup>14</sup> Escrito em espanhol, com uma linguagem simples, o jornal paraguaio confiou na força das palavras para entreter as mentes e falar aos corações. Seus textos, recheados com humor, seriedade, ironia e sentimento, constituíram um valioso recurso para a mobilização da população e das tropas, bem como, para a justificação do derramamento de tanto sangue<sup>15</sup>. Tal como numa pintura barroca, no *El Centinela*, o fundo negro da barbárie aliada foi manejado para contrastar com as cores e luzes da civilização paraguaia. Para sedimentar essa demarcação de fronteiras, iniciamos com uma gravura bastante significativa. Nela, observamos uma besta de três cabeças, sendo domada e decapitada pelos destemidos paraguaios, uma imagem que reafirmava a luta entre bem e mal, humano e animalesco, concebida pela imaginação dos artistas/soldados<sup>16</sup> paraguaios:

---

<sup>11</sup> CABALLERO CAMPOS, Hérib; FERREIRA SEGOVIA, Cayetano. **El periodismo de guerra en Paraguay: 1864-1870**. Assunção: Revista Estudios Paraguayos, vols. 26/27, n. 1 e 2, 2008 e 2009. p. 208.

<sup>12</sup> DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 248.

<sup>13</sup> *Ibidem* p. 246-249.

<sup>14</sup> O semanário manteve-se em circulação até 26 de dezembro de 1867.

<sup>15</sup> Apesar de essas publicações terem como público alvo os cidadãos do Paraguai, há registros de jornais paraguaios sendo encontrados por brasileiros. Foi o caso do almirante Joaquim José Inácio de Barros, que em uma de suas correspondências endereçadas a revista carioca *Semana Ilustrada*, registrou: “A proposito de apanhar, sem o appendiculo – pancadas – fique sabendo que apanhou-se, na 2ª grande Divisão, uma garrafa, contendo alguns números do *Cabichuy*, que foram entregues ao almirante”. In: *Semana Ilustrada*, 19/01/0867, n. 371, p. 2966.

<sup>16</sup> Entre os envolvidos na produção do jornal estavam os jovens soldados Manuel Colunga e Juan Benitez. Segundo Miguel Angel Cuarterolo, eles foram retirados da linha de frente e direcionados para a confecção do *El Centinela*. Isso nos possibilita compreender a estreita relação entre a imprensa e as forças armadas no contexto paraguaio. In: CUARTEROLO, Miguel Angel. *Images of War*. In: KRAAY, Hendrik; WHIGHAM, Thomas (Org.). **I Die With My Country: perspectives on the Paraguayan War, 1864-1870**. Nebraska: University of Nebraska Press, 2004. p. 116.



**Figura 1:** “¿Nos vencerán por asedio? ¡Estamos en el siglo del vapor y del telégrafo! El arte de la guerra se ha perfeccionado, dándole las formas más racionales, y despojándolo de todo lo bárbaro y cruel, con que se exterminaban los pueblos antiguos. El Derecho de Gentes, es el Código que regla y determina los medios inevitables y fatales, á que recurren las naciones para desagraviarse. Pero el Brasil se halla todavía en los tiempos de Atila, y quiere hacernos la guerra por necesidad, Mas cada día toca con nuevos desengaños; por qué nada nos falta, y lo que escasea, lo sabemos trabajar”.<sup>17</sup>

Jean Starobinski em “As máscaras da civilização” efetuou um apurado mapeamento do conceito de civilização. Sua proposta foi a de que o advento do termo na história das ideias se deu, simultaneamente, a aceção moderna da noção progresso, estreitando os laços entre as duas palavras. Ainda segundo o estudioso, no transcorrer da modernidade, deixando de lado a avaliação de seus defeitos e limites, a civilização tornou-se um critério por excelência, a partir do qual

É preciso tomar seu partido, adotar sua causa. Ela se torna motivo de exaltação para todos aqueles que respondem ao seu apelo; ou, inversamente, fundamenta uma condenação: tudo o que não é civilização, tudo que lhe resiste, tudo que a ameaça, fará figura de monstro ou de mal absoluto. Na excitação da eloquência, torna-se permissível reclamar o sacrifício supremo em nome da civilização. O que significa dizer que o serviço ou a defesa da civilização poderão, eventualmente, legitimar o recurso à violência. O anticivilizado, o bárbaro devem ser postos fora da condição de prejudicar, se não podem ser educados ou convertidos,<sup>18</sup>

Nessa mentalidade, para alcançar o estágio de povo civilizado seria necessário uma somatória de aperfeiçoamentos na organização social, política, cultural e material,

<sup>17</sup> *El Centinela*, 09/05/1867, n. 3, p. 1.

<sup>18</sup> STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 33.

culminando em um estágio de “superioridade moral”.<sup>19</sup> Na ótica do semanário paraguaio, os poucos traços de civilização no Brasil eram atribuídos a uma espécie de “legado europeu”, tirando qualquer mérito que pudesse haver por parte dos brasileiros. A exuberância da natureza tropical foi colocada em contraste com a precariedade dos hábitos e costumes:

Tal esta la abundancia de la vida vegetal que el Brasil es notable entre todos los países del mundo: Pero con toda pompa y esplendor de la Naturaleza, ningún lugar se ha dejado para el hombre. Esta reducido a la insignificancia por la majestad que le rodea. Casi todo el Brasil, a pesar de sus inmensas ventajas aparentes, siempre ha quedado en civilizarse; sus habitantes son solo salvajes errantes, afeminados, cobardes e incapaces de resistir aquellos obstáculos que la bondad misma de la Naturaleza ha impuesto en su camino. A de largo de la costa, se ha introducido de la Europa cierta parte de aquella civilización, que los naturales del país jamás habrían alcanzado por sus propios esfuerzos. Pero esta imperfecta civilización nunca ha impenetrado en el interior del país: el pueblo ignorante y brutal, sin ley ni freno, continúa viviendo en su inveterado barbarismo.<sup>20</sup>

Aqui, vale fazermos o cruzamento dessa fala com os relatos de viajantes. Homens e mulheres que passaram pelo Brasil tecendo considerações sobre os costumes sociais e paisagens. Entre essa vasta literatura, selecionamos “Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815”, do alemão Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825). As palmeiras, bananeiras, pássaros de plumagem esplêndida, ilhas, vales, morros e toda a diversidade do reino vegetal, fizeram brilhar os olhos do naturalista. Contudo, essa “agradável surpresa” não escondeu os preconceitos em relação á população do interior; “a hospitalidade dos brasileiros salientava-se cada vez mais ao passo que penetrávamos no interior e as despesas diminuía dia a dia. Verifiquei então a verdade da frase russa que ‘os povos civilizados são menos hospitaleiros do que os povos atrasados’”<sup>21</sup>. Outra estrangeira, a inglesa Maria Graham (1785-1842), preceptora da jovem princesa Maria da Glória, não foi menos ácida na descrição de sua passagem por Salvador:

A rua pela qual entramos através do portão do arsenal ocupa aqui a largura de toda a cidade baixa da Bahia, e é sem nenhuma exceção o lugar mais sujo em que eu tenha estado. [...] Nos espaços que deixam livre, ao longo da parede, estão vendedores de frutas, de salsichas, de chouriços, de peixe frito, de azeite e doces, negros trançando chapéus ou tapetes, cadeiras..., cães, porcos e aves domésticas, sem separação nem distinção [...].<sup>22</sup>

<sup>19</sup> MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. **Civilização e Barbárie**: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde de Uruguai. Universidade Federal Fluminense, 2006. (Tese de doutorado).

<sup>20</sup> *El Centinela*, 16/05/1867, n. 4, p. 1-2.

<sup>21</sup> FREIREYSS, G.W. **Viagem ao interior do Brasil**. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1906. p. 130.

<sup>22</sup> GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1990. p. 165.

Essa visão pessimista sobre o Brasil e sua população, pautada em conceitos e modelos europeus, não ficou restrita as memórias dos viajantes estrangeiros, como também, foi incorporada na mentalidade e nas falas da elite brasileira.<sup>23</sup> Dessarte, a ideia de uma “*imperfecta civilización*” defendida pelo *El Centinela* alinhava-se á uma série de julgamentos e críticas sedimentadas no imaginário desde o período colonial. Semelhante à Freyreiss, apenas a natureza brasileira mereceu a admiração dos paraguaios.

A noção de progresso, associada ao governo de Solano López, encontrava na monarquia brasileira mais que um simples antagonismo, esbarrava em uma ameaça. Um perigo superestimado, que se estendia a toda a América republicana. Frente a isso, vincularam-se notícias sobre a possibilidade de convocação de um novo congresso no Panamá, aos moldes do ocorrido em 1826. Dessa vez, a função seria ratificar as fronteiras entre os estados e protestar, sobretudo, contra o tratado da Tríplice Aliança. Apelando a um sentimento de solidariedade, reafirmou-se o elo entre a causa paraguaia e a dos antigos líderes latino-americanos:

La América republicana, la América, cuyos sacrificios y sangre vertida fueran por la libertad, jamás hemos desconfiando de sus simpatías en el glorioso empeño de salvar el soberano principio de las nacionalidades. [...] La obra de Bolívar, de Sucre, de San Martín, de Albear, de Lamadrid, de Lanza, Castelli, Balcázar, Rivero, Arenales, Fernández, Lira, Padilla, Usdinines, Camargo y Rondeau, es la obra del Mariscal López. [...] Por eso hemos dicho al principio de nuestro artículo, que esa identidad de causa, de sacrificios, de valor, de grandeza, y de heroicidad, son motivos poderosos de simpatías, por qué jamás hemos desconfiado del voto unísono de toda la América democrática – Agradecemos sinceramente al Gobierno Bogotano por la iniciativa que ha tomado para sostener y apoyar la estrella del Paraguay, que la monarquía ha querido extinguir en el hermoso Cielo Republicano.<sup>24</sup>

Na argumentação do *El Centinela*, uma mesma identidade republicana e democrática fortalecia os laços de amizade com os demais países vizinhos. A guerra, apesar de seu elevado preço, deixaria um grande legado a toda a América; “*la extinción de la última rama podrida que en virtud <del úti posiditis> hemos consentido entre las Naciones Republicanas*”<sup>25</sup>. Diferentemente dos aliados que lutavam movidos pela ambição,<sup>26</sup> os paraguaios marchavam empunhando a bandeira americana:

---

<sup>23</sup> SOUSA FILHO, Alípio de. **O Brasil e os brasileiros em relatos de viajantes** - ou representações depreciativas do mestiço e das mestiçagens brasileiras na pena de viajantes estrangeiros entre os séculos XVI e XIX. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index\\_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS\\_PDF/A%20cultura%20brasileira%20em%20diarios%20de%20viajantes.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/A%20cultura%20brasileira%20em%20diarios%20de%20viajantes.pdf). Acesso em 13 dez. 2017. p. 3.

<sup>24</sup> *El Centinela*, 24/10/1867, n. 27, p. 1.

<sup>25</sup> *El Centinela*, 12/12/1867, n. 34, p. 4.

Hé aquí la llave de la gran hecatombe, de la guerra más inicua, de la conquista más bárbara con que el Imperio ha ensangrentado la bandera americana, y ha insultado la causa de la democracia, trayendo sus cañones para destruir la gran República del Paraguay que, noble y generosa, levantó la voz de la justicia para proteger al pueblo Oriental, amenazado de muerte, y protestar de los actos atentatorios á la soberanía y equilibrio de los Estados del Plata.

Tres años han corrido q' el gobierno Paraguayo hizo atrás al vil y ambicioso Monarca, cuyas huestes hacían flamear su pendón de muerte sobre las costas Orientales [...].<sup>27</sup>

Os editores se esforçaram em diferenciar a noção de progresso que conduzia o estado brasileiro. É o que vemos na quarta edição. Com traços irônicos, os editores formularam um monólogo em que o governo do Brasil apresentava a sua visão maquiavélica de desenvolvimento no século XIX.

Mis escuadras son casi en su totalidad movidas por máquinas de vapor, y artilladas con máquinas de guerra de la más moderna invención. Sus tripulantes son como los ejércitos de tierra, verdaderas máquinas de compresión, por que son los dúctiles agentes de la más ingeniosa maquinación, dispuesta para comprimir las libertades de los Pueblos circunvecinos.

[...] *La esclavatura*, es otro agente del progreso, una de las máquinas fundamentales, u la más sencilla de la maquinaria, cuyo movimiento impulsor lo recibe por el medio de un mecánico muy simple que consiste en una vara de membrillo, ó en una correa flexible, sujeta a un palo e mango de no muy larga dimensión. [...] Yo como partidario del [nã legível] he adoptado la salvadora máxima de la famosa obra intitulada <El Príncipe>: dividir para reinar, que es mi lema inquebrantable.<sup>28</sup>

Imagem após imagem, reencontramos as oposições binárias, em arranjos que “sugerem sempre o privilégio do primeiro termo e que o outro termo (secundário, nessa dependência hierárquica) não existe fora do primeiro senão dentro dele, como imagem velada,

---

<sup>26</sup> Constantemente, Argentina e Uruguai foram colocados em papéis secundários na reponsabilidade pelo conflito. Com suas riquezas, o governo brasileiro teria aliciado Venâncio Flores e Bartolomé Mitre: “[...] *El gabinete del Brasil, pues, al ver desarrebozada na política, y confiando más en la manobras de sus hábiles diplomitas, recurrió á otro medio; abrió de par en par las áureas arcas, y fascino con el brillo del vil metal al Presidente argentino y al dictador Oriental. Mitre y Flores soñaran entonces que veían, y como el consabido ciego del refrán, sonaran lo que quisieran. Soñaran, pues, (que no es poco) con las vírgenes, ricas y vastas selvas del Paraguay, con sus hermosos y magníficos bosques de toda especie; soñaran con la explotación del corte de maderas, con el beneficio de Ilex paraguayensis, y con las grandes canales que bañan y cruzan en todas direcciones el territorio de la Republica, como agentes necesarios para la explotación e exportación de las abundantes riquezas que su suelo atesora. Soñaran, por último, con la adquisición de todo esto, y oyeran á ojos cerrados, que bastarían dos meses para llevar á cabo tan importante y deslumbradora empresa; que después de un paseo militar entrarían triunfantes en la Capital de la Republica, al frente de sus numerosas legiones, á recibir de las ebúrneas manos de les candorosas hijas de la Patria las coronas con que un pueblo entusiasta y agradecido suele honrar à los héroes y a sus ilustres bienhechores. Pero ¡Cuan amargo ha sido el desencanto, así que el dulce y halagüeño sopor hubo abandonado sus párpados! Cundo los nacarados sueños se hubieran desvanecido!!! ¡Oh, triste desesperante decepción!”* (El Centinela, 04/07/1867, n. 11, p. 1).

<sup>27</sup> El Centinela, 29/08/0867, n. 19, p. 1.

<sup>28</sup> El Centinela, 16/05/1867, n. 4, p. 2.

como sua inversão negativa”<sup>29</sup>. O desejo de ultrajar o Outro pode ser visto na caricatura abaixo:



**Figura 2:** “*Los tres ahorcados. Hay cosas que por su exactitud y naturalidad no necesitan comentarios, tal es la figura de los tres ahorcados, y as fisionomías están diciendo: por la corona y la cola, soy el emperador de los macacos; por la figura tísica, nadie anduviera que soy el cantor de los percances de Curupaití, y por mi cara horrible comprenderán que soy Don Venancio abrojos, todos tres ahorcados de común acordó por el delito de lesa libertad.*”<sup>30</sup>

Sentado, o soldado paraguaio puxa os três corpos que pendem suspensos no galho de uma árvore. O texto que acompanha a xilogravura descreve o significado. Os condenados tratavam-se dos três governantes aliados, Dom Pedro II (diferenciado pela coroa e o longo rabo), Venâncio Flores e Bartolomé Mitre. Os corpos desses governantes, uma vez investidos de poder e prestígio social, ao serem atacados, ainda que simbolicamente, revelam uma prática dessacralizadora. Conforme ponderou Amadeu Carvalho Homem, a militância política, desde o início do século XIX, aprimorou o uso do imaginário satírico:

O Poder apresenta-se como sagrado e tem o rosto do chefe político correspondente. O riso militante desde cedo se apercebeu que a melhor estratégia de ataque ao grupo ou parcialidade oponente consistiria na dessacralização das respectivas figuras cimeiras. [...] O riso utilizado pelo sagitário político é um riso radicalmente baudelairiano. O que está em causa é a desqualificação, a vulgarização e a diabolização do adversário. É certo

<sup>29</sup> DUSCHATZKY, Sílvia. SKLIAR, Carlos. **Os nomes dos outros.** Reflexões sobre os usos escolares da diversidade. Revista Educação e realidade, jul./dez. 2000, p. 163-177. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46855>. Acesso em 05 maio 2017.p. 166.

<sup>30</sup> *El Centinela*, 06/06/1867, n. 7, p. 1-2.

que este processo de desvalorização pode recorrer ao confronto de opiniões e à dialética dos juízos. A ironia de Eça de Queiroz e de Ramalho Ortigão, n'As Farpas, ou o ácido motejo de Fialho de Almeida n'Os Gatos, dão-nos a medida de estratégias que apenas se servem da palavra para destruir as defesas adversárias. Contudo, a aplicação imediata do riso à figura, ou seja, ao corpo, pode revelar-se de eficácia superior. O corpo é a matéria-prima com que trabalha o caricaturista.<sup>31</sup>

Dessa forma, com seu lápis afiado, o caricaturista acometia não apenas contra os sujeitos históricos, como também, sobre todo o sistema político e a coletividade social representada por eles. Ainda sobre essa iconografia, o tronco seria a “árvore americana”, sob a qual repousavam os líderes Bolívar, Sucre, San Martín e Alvear. Uma árvore cuidada e zelada pelo próprio Mariscal, o que culminava em um elo entre Solano López e os antigos “libertadores da América”. Todavia, não era o presidente o homem sentado, mas sim, um soldado anônimo.

A causa da condenação? “Lesar a liberdade”, um trocadilho com a expressão “lesa-majestade”, crime punido com a pena capital em algumas monarquias até a modernidade. Dessa forma, se expressava a noção de que a guerra se tratava de um enfrentamento entre liberdade e escravidão, república e monarquia. Essa lógica carregava em si uma incongruência, afinal, se valesse como regra, os Estados Unidos teriam abolido a escravidão após sua independência do jugo britânico, o que só veio a ocorrer quase cem anos depois. Tal como o país norte-americano, diversas nações sul-americanas continuaram servindo-se de mão de obra escrava após suas independências. Logo, verifica-se que as elites políticas se apropriaram do ideário republicano submetendo-o a um ajustamento local.<sup>32</sup> A adesão à república não trouxe consigo o abandono de todas as práticas coloniais.

### **A monarquia brasileira como emblema de atraso e escravidão**

O juízo de que o Brasil ocupava uma posição diferenciada na “América republicana”, é outro ponto que deve ser esmiuçado. Diversamente dos vizinhos, que celebravam a independência como um momento de ruptura com a “Europa dos soberanos”, o

---

<sup>31</sup> HOMEM, Amadeu Carvalho. **Riso e poder**: uma abordagem teórica da caricatura política. Revista de história das ideias, v. 28, 2007. p. 739-763. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41641/1/Riso\\_e\\_poder.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41641/1/Riso_e_poder.pdf). Acesso em 17/07/2017. p. 743.

<sup>32</sup> Se no campo memorialístico cunhou-se uma série de narrativas que visavam reforçar a imagem de uma comunidade unida por interesses comuns, na prática, os chefes militares e as elites crioulas passavam a ditar os novos rumos, mantendo o “povo a ser educado” em uma condição subalterna na vida das repúblicas recém-fundadas. Ver: FREDRIGO, Fabiana de Souza. **As guerras de independência, as práticas sociais e o código de elite na América do século XIX** - leituras da correspondência bolivariana. Belo Horizonte: VARIA HISTORIA, vol. 23, nº 38, Jul/Dez 2007, p. 293-314.

Império, sob o mando de um herdeiro da casa dos Bragança, mantinha uma identificação com a Europa:

Ao manter o princípio dinástico como fonte de legitimação de seu Estado, o Brasil se distanciava decisivamente de seus vizinhos, que passariam a representar para o Império o “outro” irreconciliável [...] Essa noção de ruptura entre o Novo e o Velho Mundo, entre Europa e América impregnava as iniciativas interamericanas, tornando muito difícil ao Império associar-se a elas sem por em risco as bases de sua legitimidade<sup>33</sup>.

Configuraram-se assim, entraves para uma relação serena entre a diplomacia brasileira e o movimento americanista.<sup>34</sup> No clima de hostilidade entre monarquia e república, as noções de liberdade e escravidão foram habilmente manuseadas para atacar o regime político rival. Esse choque entre modelos de nação teve, no final da guerra, seus efeitos no Brasil. Em 1870, o manifesto republicano deu vazão ao sentimento de descontentamento contra a monarquia:

Somos da América e queremos ser americanos. A forma de governo (a monárquica) é, na sua essência e na sua prática, antinômica e hostil ao direito e aos interesses dos Estados americanos. A permanência desta forma tem de ser forçosamente, além de origem de opressão no interior, a fonte perpétua de hostilidade e de guerras com os povos que nos rodeiam<sup>35</sup>.

O estranhamento com que passava a ser vista essa “monarquia nos trópicos”, certamente teve peso na maneira como Dom Pedro II repaginou sua imagem na década de 1870. Após ter trocado a coroa e o manto, pela cartola e o jaquetão, o governante abandonou o costume português do beija-mão, rejeitou estátuas e renunciou o título de soberano. Nas fotografias, cercado de símbolos de erudição, o “monarca moderno” esqueceu o ritual majestático e apresentou-se como um “cidadão do mundo, emancipado pela cultura”<sup>36</sup>. Ao menos no plano estético e simbólico, a monarquia procurou renovar suas representações, esquivando-se da hostilidade que crescia a sua volta.

Outro meio de zombar dos inimigos, foi o emprego do travestismo. A próxima gravura aborda essa temática. À direita, aparece representada a imperatriz Tereza Cristina com o dedo em riste dando ordens aos soldados brasileiros. A alta estatura e a pele negra com

---

<sup>33</sup> SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G.. **O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o interamericanismo: (do Congresso do Panamá a Conferencia de Washington)**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 24.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> **Manifesto Republicano de 1870.** Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3817523/mod\\_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3817523/mod_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf). Acesso em 13 dez. 2017.

<sup>36</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 500.

que aparece a esposa de Pedro II, podem ser interpretados como símbolos da força do escravagismo imperial. No *El Centinela*, a escravidão é o maior traço do regime monárquico. A fusão da clássica farda militar com um saiote ou *mariñaque*,<sup>37</sup> sugere o hibridismo entre feminino e masculino, e estabelece uma noção de anormalidade. Diante da soberana, encontram-se nove dos trinta mil recrutados que seriam enviados ao Paraguai, a pedido do general Polidoro.



**Figura 3:** “Arriba pollera y abajo calzones. El mundo anda al revés como los cangrejos y todo está con un totum rebultis, sin que se pueda atinar con el quilo de las cosas – Los manos andan con fusil al hombro, las mujeres de bota fuerte, casaca, quepí, y espada, están hechas unos Hércules, y los hombres en contrapeso para salir a la campaña del Paraguay visten el uniforme oficial del bello sexo, es decir crinolina ó meriñaque. Cuando hablamos así, verán nuestros lectores que nos referimos a la Corte del augusto soberano de los macacos.”<sup>38</sup>

Apresentando as armas, os soldados exibem-se perfilados usando *mariñaques*. A explicação para essa combinação, no mínimo ousada, foi oferecida pela própria soberana: “[...] si las armas no pueden conquistar é esos leones, los alicientes de la belleza y los golpes del crinoleo, desarman la indómита bravura de esas gentes”<sup>39</sup>. O conteúdo humorístico dessa história nos leva a fazer algumas considerações. Primeiro, podemos anotar nessa caricatura a retomada do aspecto feminino, mas com um tom depreciativo. Os homens brasileiros, representados em escala menor, colocados sob o jugo de uma mulher e obrigados a usarem saiotes, acabaram tendo a sua moral e seus valores rebaixados. Como analisou Capdevila, “a transgressão da relação de sexo vai emparelhada com a inversão das relações étnicas: a

<sup>37</sup> Artigo de moda oitocentista, também chamado de armador, era uma estrutura metálica de arcos ajustada à cintura que conferia volume à saia, sem a necessidade de muitas camadas de tecido.

<sup>38</sup> *El Centinela*, 13/06/1867, n. 8, p. 4.

<sup>39</sup> Idem.

imperatriz é negra e os soldados são brancos”<sup>40</sup>. Paralisados, covardes e afeminados,<sup>41</sup> a imagem do oponente aos poucos ganhou forma. Além dos soldados, é significativa a escolha de Tereza Cristina como alvo da sátira; a imagem distorcida da mais nobre dama da corte imperial contrasta com a ilustração do *bello sexo* paraguaio. Esses contrastes, juntamente com a personificação da república aos moldes de Marianne, possibilita-nos ver as diferentes visões de mulher que o jornal representou e disseminou. No jornal, as imagens femininas foram instrumentalizadas conforme a conveniência do tema.

A animalização dos líderes pode ainda ser vista na próxima caricatura, uma das mais exploradas nos estudos sobre a imprensa desse período. O artista apresentou as três proeminentes autoridades imperiais, Dom Pedro II, Joaquim Marques Lisboa (almirante Tamandaré) e o marechal Polidoro da Fonseca, como macacos.



**Figura 4:** “*Conferencia secreta. Entre el Emperador del Brasil, yoes criados el vizconde de Tamandaré y el Mariscal Polídoro, a su regreso a Janeiro. La conferencia es en Petrópolis.*”<sup>42</sup>

Após a imagem, segue-se um longo diálogo onde Dom Pedro questionava seus oficiais sobre as chances brasileiras de conquistar Humaitá e, conseqüentemente, vencer a guerra. Polidoro e Tamandaré desenganaram o soberano, alertando para as qualidades do soldado paraguaio em detrimento dos homens brasileiros, “mancos e ineficazes”. Dessa “conferência secreta”, destacamos o trecho final:

<sup>40</sup> CAPDVILA, Luc. **O Gênero da nação nas gravuras da imprensa de guerra paraguaia: Cabichuí e El Centinela**, 1867-1868. Tradução: Mariana Joffily. Uberlândia: ArtCultura, v. 9, n. 14, jan.-jun. 2007. p. 15.

<sup>41</sup> Não deixa de merecer nota essa ambigüidade em torno da feminilidade. Desde sua valorização, nas mulheres paraguaias e nas representações da República, até uma conotação pejorativa, quando associada aos homens.

<sup>42</sup> *El Centinela*, 09/05/1867, n. 3, p. 4.

[...] *Emperador*. Poco a poco, señores militares. El secreto queda entre nosotros: será inviolable. Esta corona que veis tan brillante solo me da inquietud e insomnios. Y según ya dicho uno de vosotros ¿Cómo puede un hombre vivir sin dormir? Y yo paso noches consecutivas pensando cómo salir con honor del grave conflicto en que veo empeñado el porvenir del Imperio, y el brillo de las armas de mis valerosos súbditos. Mejor hubiera sido suspender el acto en el río de la Plata, y no llevar mi ambicione hasta el Paraguay!

*Políodoro*. Yo he agotado mis observaciones, y solo veo que es imposible conquistar esa nación de valerosos guerreros.

*Tamandaré*. Y yo veo no solo imposible, mas también inútil persistir en ese empeño, que cada día que pasa ensena al mundo el descredito del poder imperial, y elabora la fama y gloria del Paraguay<sup>43</sup>.

O espaço ocupado por essa história não se limitou apenas a essa edição. Aparentemente, o conto vinculado pela imprensa tornou-se uma peça de teatro, sendo apresentado diversas vezes em Assunção. Em pelos menos duas oportunidades as encenações foram enaltecidas pelo periódico:

**Teatro.** – Tres veces se ha repetido <La Conferencia de D. Pedro> El público aun no está cansado de oír el ultimo episodio de la alianza. Los distinguidos actores han brillado en la representación del enemigo, y los aplausos repetidos con que el público estimula al genio, se han derramado como blancos azahares con profusión y contento, especialmente sobre el interesante paraguay, cuyo papel nada dejó que despear.<sup>44</sup>

**Todos al teatro.** Esta noche se vá á representar la Conferencia de Don Pedro – La función es gratis, y la compañía dramática la dedica al glorioso aniversario del combate naval del Riachuelo, que en la marina Paraguaya hizo retroceder á la decantada cuadra del Brasil. ¡Todos al teatro y tendremos una buena noche!<sup>45</sup>

Esses registros nos permitem enxergar os espaços de sociabilidade da sociedade paraguaia e a sintonia entre imprensa e teatro.<sup>46</sup> A guerra permeou todo o ambiente social, configurando um cotidiano em que até mesmo os momentos de lazer e entretenimento eram usados para inflamar o sentimento patriótico e rir dos inimigos. A animalização, recorrente nessas representações, integrava o processo de desumanização do Outro. Retirados os traços humanos do oponente, a luta ganhava ainda mais legitimação, pois, como escreveu Rui Zink, “se o meu inimigo é desumano, eu não faço nada demais em desumaniza-lo”, trata-se de uma simples tirada de máscara, a partir da qual é possível “vê-lo tal qual ele é: a

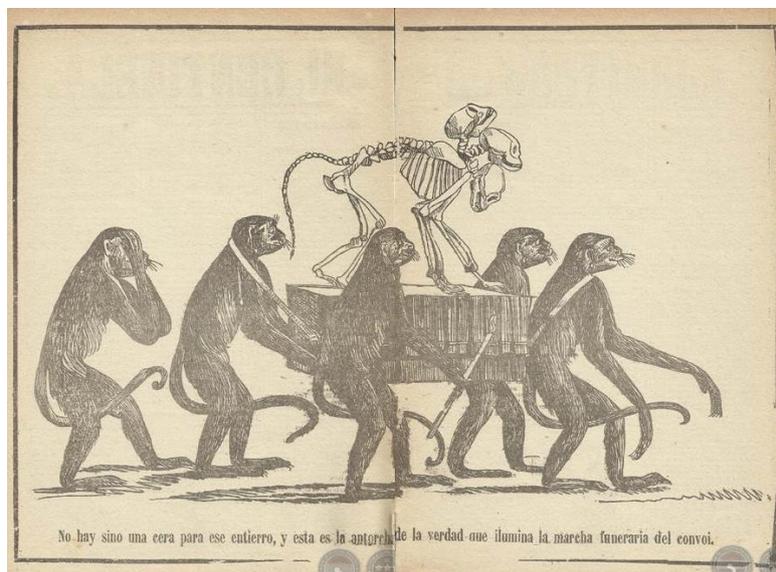
<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> *El Centinela*, 23/05/1867, n. 5, p. 4.

<sup>45</sup> *El Centinela*, 13/06/1867, n. 8, p. 4, grifo do autor.

<sup>46</sup> Outro momento cultural eram as serenatas: “*Tuvo lugar una concurrida serenata la noche del lunes, en celebridad del 14 de Mayo – El Pueblo entusiasta vivaba la independencia, al Exmo. Mariscal López, que la defiende, y à los Ejércitos cuyo valor sorprende u admira el mundo*”. (*El Centinela*, 16/05/1867, n.4, p. 4).

encarnação do mal, uma besta fétida, um macaco [...]”<sup>47</sup>. Embora seja arriscado precisar os efeitos psicológicos desse pensamento na mente do soldado, certamente, ele contribuiu para atenuar o sentimento de culpa após cada golpe desferido.



**Figura 5:** “A la triple alianza. EPITAFIO. Ese esqueleto asqueroso/ Que ostenta tres calaveras./ Fue de un Dragón orgulloso/ Que murió con tres banderas./ Cobarde y vil cual raposa,/ Osó profanar el suelo/ De una nación poderosa:/ ¡Hoy lo cubre infamia y duelo!...”<sup>48</sup>

Corpos humanos animalizados, ou animais com comportamento humano, essas foram às variações encontradas ao longo do jornal. A xilogravura acima impressiona por suas dimensões; duas páginas inteiras! Nela, cinco macacos foram representados conduzindo o cortejo fúnebre dos restos da aliança, agora, mostrada como uma anomalia primata de três cabeças. Abaixo, encontra-se escrito: “Não há se não uma vela para esse enterro, e esta, é a tocha da verdade que ilumina o comboio na marcha funerária”. A referida vela está na mão de um dos macacos, o terceiro da direita para à esquerda. Segundo o texto, apenas um lugar havia aceitado sepultar os restos mortais: o inferno. Chegando ao seu destino, a comitiva pronunciou a derradeira prece:

Genios del mal! Hemos aquí cumplido el ultimo deber al pié de este ataúd: venimos a depositar en la mansión del horror os míseros despojos de la Triple alianza, que un día orgullosa y altanera levantó sus tres formidables cabezas para avasallar los Pueblos libres; pero ¡ay! Ellas rodaron, á las plantas de ese gigante paraguayo, y el trono de la esclavitud se ha convertido

<sup>47</sup> ZINK, Rui. Da bondade dos estereótipos. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 52-53.

<sup>48</sup> *El Centinela*, 05/09/1867, n. 20, p. 4, grifo do autor.

en esta asquerosa osamenta, que os presentamos como la prosterna reliquia del vasallaje, y que vosotros debéis manada sepultar en los sombras del olvido, en las mazmorras del infierno, único asilo que aguarda á los desesperados.

[...] No hay sino cera para ese entierro, y esta es la antorcha de la verdad que ilumina la marcha funeraria del convoy. [...] Adiós, triste alianza! Adiós, sombra de ambición! Adiós, cenizas de la esclavitud! Yo exclamaré con el sal mista: <Oh vos omnes, qui transistis per viam, attendite et videte, si et dolor, sicut dolor meus.> Para siempre adiós!!<sup>49</sup>

Com dor, ranger de dentes e lamentações, assim narrou-se, de forma macarrônica, o sonhado desfecho da Tríplice Aliança. Escravidão e animalização foram palavras quase sinônimas nos discursos. Na figura 6, reencontramos a personificação do *El Centinela*. Sobre uma torre de observação, o soldado agita um chicote, assustando e afugentando os brasileiros que espreitavam do outro lado da trincheira. Um gesto simples, mas repleto de simbolismo se considerarmos o peso que esse instrumento de tortura detinha no sistema escravista. Como apontou Silvia Hunold Lara, o modelo colonial estruturado a partir do século XVIII, se sustentou em “duas formas básicas de dominação: a senhorial (presente na relação senhor-escravo) e a colonial (na relação Metrópole-Colônia)”<sup>50</sup>. Mais que um simples instrumento de dominação, o castigo cumpria um papel-chave na manutenção dos lucros desse sistema econômico:

O trabalho escravo, assegurado na sua continuidade pelo castigo, era por ele também controlado e disciplinado. A característica disciplinadora do castigo — que nem sempre era explicitada nos discursos coloniais — constituía-se, no entanto, como elemento fundamental, pois permitia a conexão entre trabalho compulsório e produção lucrativa. Disciplina, violência e trabalho compulsório eram os elementos ordenadores da economia senhorial no trato dos escravos: imprescindível na dominação dos escravos, a violência foi também o meio segundo o qual se realizou a divisão e repartição do trabalho, em função da necessidade do empreendimento lucrativo.<sup>51</sup>

Para mediar a relação senhor-escravo, uma série de autores versou sobre a importância de moderação na aplicação dos castigos. Segundo a autora, o esforço de “racionalização” das formas de ensinar e domar a rebeldia dos cativos, pode ser melhor compreendido dentro de uma lógica que visava o “equilíbrio entre produção lucrativa, sobrevivência do escravo e continuidade da dominação senhorial”<sup>52</sup>. Nesse sentido, “a moderação significava também a dosagem que marcava a presença do castigo sem que ele

<sup>49</sup> *El Centinela*, 05/09/1867, n. 20, p. 1-3.

<sup>50</sup> LARA, Sílvia Hunold. **Campos da violência**: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 32.

<sup>51</sup> *Ibidem* p. 55.

<sup>52</sup> *Ibidem* p. 52.

precisasse ser efetivamente aplicado. Bastava a visão dos instrumentos para que o escravo ‘se reduza e meta a caminho e venha a obediência e sujeição de seu senhor’<sup>53</sup>. Visualizando esse relacionamento pautado em violência e opressão, ao projetar sobre o Brasil a imagem de uma nação de escravos, os paraguaios serviram-se do açoite para colocarem-se na posição de senhor. Nessa composição, o *mangrullo* realçava a “superioridade paraguaia” ao colocar o soldado em uma posição confortável, acima dos inimigos.



**Figura 6:** “Mateo en su mangrullo.”<sup>53</sup> [...] Don Mateo se pasea en su mangrullo con mucha gravedad – De vez en cuando saca el chicote, lo sobajen y de súbito lo muestra á los macacos, quienes de tienden sobre el suelo, como si una bomba los derribase.”<sup>54</sup>

Entre os fardados, reaparece a forma do macaco. O texto, alinhado com o desenho, ainda oferece um diálogo entre o *El Centinela* e uma abelha cabichuí. Ao ser questionado sobre os inimigos, Mateo<sup>55</sup> respondeu que estava até conseguindo dormir, tamanha a tranquilidade gerada pelo medo dos oponentes em se aproximar. A abelha lhe repreendeu dizendo que um vigia não pode cochilar, mas deve estar em estado de permanente atenção. Completando o conselho, a cabichuí lhe presenteou com alguns versos; “*Pasa las*

<sup>53</sup> Construção rústica inventada pelos aliados, que tinha entre vinte e cinco a trinta metros de altura. Feita com troncos de árvores, seu topo servia como posto de observação.

<sup>54</sup> *El Centinela*, 30/05/1867, n. 6, p. 1, grifo do autor.

<sup>55</sup> Em seu conteúdo, o jornal personificava-se como o soldado Mateo Mata Morros. Conforme a descrição, um “[...] soldado valiente de la república del Paraguay, en campana hace más de dos años contra los negros de D. Pedro 2º, desde mi alto margullo [...]” (*El Centinela*, 27/06/1867, n. 10, p. 4). Esse recurso pode ser interpretado como parte da estratégia traçada para ganhar a simpatia dos leitores militares.

*noches en vela,/ Valeroso y buen vigía;/ no te duermas, Centinela,/ Que el enemigo te espía*<sup>56</sup>.

Diferentemente do paraguaio, cuja mão deveria ser cortada para conseguir tirar-lhe a bandeira,<sup>57</sup> “os negros de Dom Pedro” não tinham pátria ou causa para defender, lutando apenas para salvar o seu próprio “couro”<sup>58</sup>. Vulneráveis ao frio,<sup>59</sup> medrosos..., as representações criadas em torno desses homens foram permeadas pelo animalesco:

**La metempsicosis.** Entre una de las muchas aberraciones de los Sociólogos antiguos, la más célebre fué la metempsicosis ó transmigración del alma. Esta, según ellos pesaba de un ser a otro de diferente forma y naturaleza, dando animación, ya a un gallo, á un burro, á un mono, á un árbol, &&, ó ya pasándose en el cerebro de un filósofo y d un rey. El alma según aquel sistema, seguía los metamorfosis ó transformaciones de la materia imperecedera como aquella.

Yamos á nuestro objeto: los ventrílocuos macaneos de la alianza han desempolvado aquel sistema y lo están practicando primorosamente en su cementerio. Se han transformado en escarabajos, en monos, en tortugas y últimamente en burros. Nos pasarán muchos días sin que ls veamos convertirse en calaveras. Honor á la metempsicosis! Viva el viejo descubrimiento! [...].<sup>60</sup>

Nem mesmo no pós-morte encontrariam a salvação. Condenados á danação eterna, sua única serventia era tornar-se carvão para alimentar as chamas do inferno:

**¿Y los negros cuando mueren dónde van?** Esta pregunta que <El Centinela> la aprendió en la escuela, se le ha venido á la mollera con motivo de la calamidad que ahora aflige a los negros. No se precia de Teólogo ni entra á investigar las cuestiones de la predestinación; pero como cristiano no quiere separarse en ápice la doctrina de Jesu-Cristo, y se propone sostener la tesis de que los negros, y no negros, que mueren en el Ejército invasor se van todo al infierno. Probatum.

El que hace daño á su prójimo ¿es malo ó no? – Sí. Los invasores ¿hacen daño ó no al Paraguay? – Sí.

Ergo, se hacen daño son males; si son males se van al infierno, consecuencia que cae como pedrada en ojo de boticario. Pero ¡Dios santo! ¿Qué harán los diablos con tantos negros condenados? El Centinela se propone darles un consejo económico, que puede servir muy bien.

Como el infierno, según sabemos, es de fuego, deban necesitar carbón y leña para las hogueras. Los negros, que con carbonizados bien pueden servir de combatible y tizonas del Infierno, ya que de soldados han probado son mal.<sup>61</sup>

<sup>56</sup> *El Centinela*, 30/05/1867, n. 6, p. 1.

<sup>57</sup> A bandeira foi revestida de um grande capital simbólico, em diversos momentos, orgulhosamente, as bandeiras foram contadas entre os espólios de guerra.

<sup>58</sup> *El Centinela*, 03/10/1867, n. 24, p. 1.

<sup>59</sup> Tal como animais que possuem um *habitat* específico, os negros foram colocados como originários das regiões tropicais, manifestando grandes dificuldades em se adaptar ao inverno paraguaio. Pulmões contraídos e uma espécie de espuma bucal seriam alguns dos efeitos causados pelo frio. (*El Centinela*, 20/06/1867, n. 9, p. 1). Desenhava-se assim, uma inferioridade não apenas moral, como também física em relação aos paraguaios.

<sup>60</sup> *El Centinela*, 12/09/1867, n. 21, p. 2, grifo do autor.

<sup>61</sup> *El Centinela*, 02/05/1867, n.2, p. 3, grifo do autor.

Essa imagem depreciativa do escravo não era um privilégio exclusivo do imaginário paraguaio. Na primeira metade do XIX, o político e abolicionista britânico William Wilberforce (1759-1833) já indagava:

Se a inteligência nativa e a independência dos bretões não conseguem sobreviver no clima insalubre e adverso da escravidão pessoal, como se poderia esperar que os pobres africanos, sem o apoio de nenhum sentimento de dignidade pessoal ou de direitos civis, não cedessem às influências malignas a que há tanto tempo estão sujeitos e não ficassem deprimidos mesmo abaixo do nível da espécie humana?<sup>62</sup>

Célia Maria Marinho de Azevedo efetuou um estudo comparativo do movimento abolicionista no Brasil e nos Estados Unidos. Segundo Azevedo, diferentemente dos estadunidenses que alertavam para a crueldade dos senhores, os abolicionistas brasileiros pontuavam a natureza rude e má dos escravos. Destacou-se assim, a convergência entre a condenação do escravo como inimigo doméstico e as ideias iluministas:

Embora pareça paradoxal, o Iluminismo com sua ênfase de que a natureza humana e a razão requeriam a liberdade acabou por produzir a imagem do escravo como um ser privado de razão, e portanto, visto como abaixo da natureza humana e mais semelhante a uma besta. [...] Nabuco, assim como outros abolicionistas brasileiros, nunca deixaram de chamar a atenção para aquelas vividas memórias da escravidão, as quais fundavam a sua suposição de que o escravo assemelhava-se a uma besta, ou seja, algo abaixo do ser humano.<sup>63</sup>

Em 1883, Joaquim Nabuco publicou “O Abolicionismo” enumerando as razões pelas quais o sistema escravista contribuía para o atraso civilizatório do Império. Na luta para romper os grilhões, caberia ao abolicionista desempenhar a função de “advogado gratuito” dos “escravos e ingênuos”, “duas classes sociais que, de outra forma, não teriam meios de reivindicar os seus direitos, nem consciência deles”<sup>64</sup>. Na mesma obra, o diplomata manifestou seu incômodo com a imagem que os vizinhos sul-americanos projetavam sobre o Brasil:

[...] a reputação que temos em toda a América do Sul, de país de escravos, isto é, de sermos uma nação endurecida, áspera, insensível ao lado humano das coisas; é, mais ainda, essa reputação - injusta, porque o povo brasileiro não pratica a escravidão e é vítima dela - transmitida ao mundo inteiro e infiltrada no espírito da humanidade civilizada. Brasil e escravidão tornaram-se assim sinônimos. Daí a ironia com que foi geralmente acolhida

<sup>62</sup> NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 6.

<sup>63</sup> AZEVEDO, Célia Maria Marinho. **Abolicionismo**: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada: século XIX. São Paulo: Annablume, 2003. p. 111-113.

<sup>64</sup> NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 6.

a legenda de que íamos fundar a liberdade no Paraguai; daí, o desvio das correntes de imigração para o rio da Prata, que, se devesse ter uma política maquiavélica, invejosa e egoísta, deveria desejar ao Brasil os trinta anos mais de escravidão que os advogados desse interesse reclamam.<sup>65</sup>

Por mais que seja memorável o esforço de Nabuco na luta pela emancipação dos escravos, não deixa de ser contraditória e problemática sua tentativa de resguardar o “povo brasileiro”, colocando na posição de vítima da escravidão. Essas visões negativas sobre a condição humana dos escravos, inclusive no meio abolicionista, permitem olhar as representações do *El Centinela* sob um prisma mais aberto, instituindo um diálogo entre as imagens do jornal e um imaginário social comum na época.

### O *El Centinela* e seus silêncios

A questão da escravidão nos coloca, ainda, diante de um silêncio. Semelhante ao contexto brasileiro, no Paraguai, a escravidão ainda não houvera sido abolida, apenas atenuada com a Lei do ventre livre promulgada por Carlos López em 1842. Começada a guerra, a partir de setembro de 1865, começaram os recrutamentos sistemáticos de escravos para suprir as baixas causadas pelas batalhas e epidemias.<sup>66</sup> Segundo Francisco Doratioto, há indícios de que os escravos eram mandados para as missões mais perigosas, o que justificaria a alta mortalidade nesse segmento das forças paraguaias.<sup>67</sup>

O estado de cidadania gozado pelos soldados paraguaios não era tão pleno e distante dos brasileiros, como procuraram incutir os editores do periódico. André Toral enumerou dois importantes contingentes de homens de cor (negros e mulatos), a integrar as divisões de López. O primeiro participou das invasões à Mato Grosso e Argentina, entre 1864-1865. O segundo, composto por ex-escravos vindos do interior, recompôs as baixas sofridas nas batalhas de Estero Bellaco e Tuyutí, em setembro de 1866. Aproximando as duas realidades, a questão da escravidão estaria mais atrelada aos limites da cidadania do que, propriamente, a discriminação racial:

O alistamento compulsório atingia igualmente o escravo, a população paraguaia e os pobres brasileiros. Os direitos individuais não existiam nem na monarquia constitucional escravocrata brasileira, nem na pretensa República paraguaia. Buscar algo de específico à condição negra como característica principal na formação de exércitos e, portanto, das

---

<sup>65</sup> Ibidem p. 55.

<sup>66</sup> TORAL, André Amaral de. **A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai**. Estudos Avançados, 1995, p. 287-296. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n24/v9n24a15.pdf>. Acesso em 20 junho 2017. p. 289.

<sup>67</sup> DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 228.

vítimas da guerra corresponde a uma demanda contemporânea sobre um contexto histórico que não responde a essas indagações.<sup>68</sup>

Apesar dessas informações consideradas pelo historiador, não há nenhuma palavra sobre a participação negra nas forças de López, pelo contrário, nas xilogravuras os combatentes podem ser vistos com traços europeus, representados sob a forma de tipos ideais.<sup>69</sup> O silêncio é compreensível, mencionar a escravidão no Paraguai arranharia a relação liberdade/escravidão pintada com tanto zelo pelo jornal. Sendo assim, o *El Centinela*, ao projetar sobre os brasileiros a imagem de um exército de escravos, fazia vista grossa ao contexto social paraguaio e ignorava as baixas e derrotas que o exército já tinha sofrido, determinando sua posição defensiva naquele estágio da guerra.

### Considerações finais

A guerra permeou todo o ambiente social e cultural paraguaio, configurando um cotidiano em que até mesmo os momentos de lazer e entretenimento eram usados para inflamar o sentimento patriótico e rir dos inimigos. A imprensa, enquanto ferramenta de propaganda patriótica, foi usada com afinco para justificar a guerra, fortalecer a resistência e atacar a imagem dos inimigos, principalmente, os brasileiros. Do imperador ao soldado negro, ninguém escapou do furor dos periodistas paraguaios. As sátiras mordazes incidiram principalmente sobre a força do regime escravista e do modelo monárquico, na ótica do *El Centinela*, sinais de atraso e ameaças as demais nações sul-americanas.

Além de sua eficácia como ferramenta de mobilização da população paraguaia, defendemos pensar que o *El Centinela*, - juntamente com outras fontes paraguaias -, contribuiu na fabricação da imagem internacional do Brasil como uma “nação de escravos”, tal como mencionou Joaquim Nabuco. Aproximando as imagens do semanário paraguaio de outras fontes do período podemos ter um quadro mais completo do imaginário social da época, e assim, avançar na problematização da recepção dos discursos e representações da imprensa ilustrada. Em meio à vasta e rica produção sobre a guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, essa temática segue com lacunas que merecem a atenção especial dos historiadores.

---

<sup>68</sup> TORAL, André Amaral de. **A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai**. Estudos Avançados, 1995, p. 287-296. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n24/v9n24a15.pdf>. Acesso em 20 junho 2017. p. 295.

<sup>69</sup> CAPDVILA, Luc. **O Gênero da nação nas gravuras da imprensa de guerra paraguaia: Cabichuí e El Centinela, 1867-1868**. Tradução: Mariana Joffily. Uberlândia: ArtCultura, v. 9, n. 14, jan.-jun. 2007. p. 9-21.p. 17.

Por fim, um exemplo do meio futebolístico nos oferece indícios para pensar na permanência de algumas ideias dos tempos de guerra. Trata-se de um episódio de racismo vivenciado pelos jogadores do clube Atlético-Paranaense durante um jogo contra o Deportivo Capiatá, no Paraguai. Segundo a reportagem do portal de notícias Estadão; “o meia Carlos Alberto, que precisou ser contido pelo atacante Grafite quando se irritou com torcedores que o chamavam de “macaco” e foi tentar tirar satisfação com os mesmos”<sup>70</sup>. É certo notar que as práticas racistas, infelizmente, ainda pipocam em diferentes pontos do planeta, todavia, essas notícias nos permitem conjecturar em qual proporção os preconceitos disseminados pela imprensa durante os anos de guerra ainda rondam as relações entre os dois povos.

---

<sup>70</sup> Reportagem disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,autuori-comemora-vaga-do-atletico-pr-mas-desabafa-contraracismo-no-paraguai,70001676765>. Acesso em 6 fev. 2018.